

Dia da Consciência Negra, o feriado e a luta dos negros

» BENEDITA DA SILVA E » REGINETE BISPO

Deputadas federais petistas pelo Rio de Janeiro e pelo Rio Grande do Sul, respectivamente, e ativistas em defesa da igualdade racial

Com muita emoção, testemunhamos a aprovação, pelo Congresso Nacional, do feriado nacional do Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro. É um marco histórico na luta antirracista no Brasil. A data será chamada de Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. A conquista representa um reconhecimento da importância da contribuição do povo negro e uma celebração da resistência e luta contra a escravidão no país. Atualmente, o dia já é considerado feriado em seis estados brasileiros e em aproximadamente mil e duzentas cidades. A data remete ao dia da morte de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares — um dos maiores do período Brasil-Colônia — no atual estado de Alagoas.

A figura de Zumbi dos Palmares representa a força da ancestralidade negra, da sua resistência, coragem, organização e determinação, marcas de um povo que enfrentou a opressão e lutou pela liberdade e pelo direito de viver com dignidade no solo brasileiro. O feriado reconhece, valoriza e dá visibilidade à contribuição de mulheres e homens negros à democracia e ao desenvolvimento econômico e cultural do nosso país.

A caminhada dos negros por cidadania plena segue nos dias atuais, inspirada pelas gerações que se ergueram sobre a dor e a tirania, e se alimenta da força que pulsa em cada jovem negro de periferia, em cada universidade, em cada grêio (pessoa que, numa comunidade religiosa ou folclórica, detém a memória do grupo e funciona como difusor de tradições), em cada mulher negra e homem negro nos quatro cantos do Brasil.

O feriado é um reconhecimento dessa história e trajetória de coragem e superação no processo de formação da nação brasileira, mas é também um passo expressivo para o enfrentamento do racismo em suas diferentes dimensões, em especial o racismo estrutural que ainda permeia o Estado brasileiro. Nesse cenário, as mulheres negras destacam-se como pilares fundamentais na construção desta história de resistência como iyas (mães em iorubá, uma das línguas africanas) chefes de família, representantes políticas, estudantes cotistas, cantoras, educadoras, alquimistas culinárias e de cura, trabalhadoras. São exemplo e força para conseguirmos uma nação mais justa e generosa.

Como mulheres negras, sabemos que, para avançarmos cada vez mais, rumo a uma sociedade realmente democrática e com igualdade racial, é preciso que a representação nos espaços de poder político e de decisão expresse a maioria da população e do eleitorado brasileiro, garantindo a ampliação da representatividade do povo negro.



Essa luta provoca necessariamente uma reflexão sobre a qualidade da democracia brasileira e os impactos do racismo, o que exige ações firmes para superar um histórico de intolerância, discriminação e violências. O novo governo brasileiro notabiliza-se pela retomada de direitos e de políticas públicas que valorizam a diversidade do nosso povo, enfrentam desigualdades históricas e geram oportunidades. Mas é preciso avançar.

O feriado do Dia da Consciência Negra representa o compromisso com a justiça social e a igualdade racial. Permite reflexão sobre nossa história coletiva como nação, bem como sobre a história do povo negro, suas contribuições e os inúmeros desafios enfrentados. Dia 20 de Novembro expressa um pouco da sociedade que queremos, com democracia, justiça e igualdade racial. É um momento para celebrar o povo negro e sua potência, dando visibilidade a 56% da população brasileira, que, pela primeira vez,

terá um feriado para celebrar sua história e a memória de seus ancestrais.

No entanto, é fundamental reconhecer que a luta contra o racismo em todas as suas manifestações deve ser uma busca diária e abranger todos os âmbitos da sociedade. A sanção presidencial do 20 de novembro, que agora faz parte do calendário nacional, representa um marco significativo na promoção e valorização da história e das tradições culturais do povo brasileiro.

A celebração da memória do povo negro brasileiro na quinta-feira anterior ao Natal foi um momento de grande importância e significado. À medida que avançamos na luta coletiva, é encorajador observar que o Censo 2022 revelou que a população negra continua sendo a maioria no país. Esse é um lembrete poderoso de que ainda há muito a ser feito para alcançar a igualdade e a justiça para todos. Vamos continuar a trabalhar incansavelmente para construir uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Em reconhecimento aos trabalhadores do Brasil

Não é de hoje que os trabalhadores, com direito líquido e certo de receber o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), enfrentam uma verdadeira via crucis para sacar esse dinheiro. Além de toda a burocracia a ser vencida, uma a uma, pelo trabalhador, mesmo com o aval por escrito de que o dinheiro está liberado para saque, a Caixa depende de uma área de controle, compliance ou conformidade que ainda exige do trabalhador certidões fora da lista exigida e publicada.

A sentença é irrecorrível na Justiça do Trabalho, entre outros documentos, tudo, na visão de quem passou por esse processo kafkiano, para dificultar e, até mesmo, retardar, ao máximo, o acesso do cidadão a um recurso que é seu, retirado, compulsoriamente, mês a mês, de seu salário.

Lotes que estavam prontos para o saque ontem, data certa e sabida de que as instituições bancárias estariam fechadas, uma vez que é o último dia útil do ano. Um desrespeito previsto no *Estatuto do Idoso* — capítulo 2, art. 96: “Discriminar pessoa idosa, impedindo ou dificultando seu acesso a operações bancárias”.

Ciente dessas dificuldades e entraves surreais, não surpreende que proliferem no país, um sem-número de empresas de advocacia e despachantes, todas elas especializadas em destravar esses recursos. O problema é que, para ter acesso a esses intermediadores providenciais, o trabalhador terá que bancar os custos desse serviço, que não é barato. Isso, quando o juiz responde a tempo.

Na origem desse problema, como em muitos outros presentes no dia a dia dos brasileiros, estão os famigerados loteamentos políticos a infestar, de cima a baixo, todas as instituições e empresas públicas de nosso país. Nesse caso, todas essas instituições passam a ser geridas e organizadas por pessoas pouco ou nada capacitadas para o exercício dessas funções. O comando desses órgãos obedece à lógica política, ao interesse dos partidos e ao governo, que age distribuindo cargos em troca de apoio para suas propostas.

Ao trabalhador, lá na ponta, que tem seus direitos adquiridos e deles necessita, não é feito qualquer esforço para aliviar-lhe o fardo e as exigências descabidas. Diante desse descaso, que se repete há anos e sem solução, os tribunais acabam recebendo milhares de ações anualmente, todas elas impetradas pelos trabalhadores, no caso seus advogados, apenas para que a Caixa pague o que é devido, acrescido de danos morais.

Muitos acreditam que essa protelação sistemática é feita para dar mais lucros para o banco estatal, com a aplicação desses recursos no mercado financeiro. Não são poucas também as notícias trazidas, diariamente, pela imprensa, relatando as dificuldades e os atrasos na liberação do FGTS para os trabalhadores. Basta observar um detalhe simples para saber que há algo de podre no reino da Dinamarca. Todo e qualquer trabalhador celetista tem uma conta bancária. Por que a aposentadoria e o FGTS não são depositados, imediatamente, nessa conta, a pedido do trabalhador?

Com isso fica, mais do que comprovado que o governo e aqueles que têm a responsabilidade por todo esse processo, ou não, sabem dessas dificuldades e, por isso, nada fazem para saná-las, ou sabem mas viram as costas para o “monte de ninguém”.

Mesmo os aplicativos disponibilizados pela Caixa e, que em tese, serviriam para facilitar o acesso do trabalhador aos seus direitos, constantemente estão travados ou saindo do ar, segundo a Caixa, por excesso de consultas simultâneas ou instabilidade no sistema.

Também nesses serviços on-line as exigências e complexidade, dificultam a vida do trabalhador, pouco afeito ao universo virtual. O que muita gente esquece é que a burocracia exagerada, aliada a gestões de cunho político partidário, acaba por produzir mecanismos de corrupção que afetam o livre acesso do trabalhador ao FGTS.

Não são poucos também os casos de malversação desses recursos para programas habitacionais e outros fins, com os prejuízos dessas operações marotas sendo obrigatoriamente debitadas na conta dos trabalhadores. Se um conselho precioso cabe aqui nesse espaço, recomenda-se, principalmente aos trabalhadores que estão prestes a receber o dinheiro que lhes cabe do FGTS, que se arme de paciência, humildade, sabedoria para conseguir chegar, depois de décadas de trabalho, ao que lhe cabe sem esperar qualquer reconhecimento.

» A frase que foi pronunciada

“Cachorro também é ser humano”

Antônio Rogério Magri, ministro do Trabalho e da Previdência

Hilário

» Chega a ser engraçado a Justiça cobrar de R\$10 mil a R\$10 milhões de um carroceiro. Não pense que é fácil trabalhar nesse país.

» História de Brasília

O defeito que tem é não o de ter nascido em Mondubim, mas isso a gente arranja com um título. Falando do governador do Ceará, disse que com o governo federal ou sem governo federal Parsifal Barroso perderá. (Publicado em 1º/4/1962)

Fim de ano, Lula e extrema direita

» JOSÉ HORTA MANZANO

Empresário

As pesquisas de opinião revelam um Lula da Silva que vai se segurando apesar de um tropeção aqui ou ali. Ao final de um ano de mandato, sua popularidade não parece ter sofrido desgaste significativo. Entre outras razões, estão duas especificidades.

Por um lado, o turbilhão de fatos políticos nacionais gira com tanta velocidade que as ocorrências não têm tempo de se fixarem na retina. Cada notícia empurra e apaga a anterior, só permitindo que dramas chocantes permaneçam no ar por algum tempo a mais. Por outro lado, Luiz Inácio deu amplas provas de ser do gênero “político teflon”, aquele em quem manchas e desdouros não grudam, desaparecendo logo.

Até aqui, falamos do Brasil insular, um país cujos habitantes acreditam que, circundados por fronteiras herméticas, vivem isolados do mundo. Na vida real, não é assim. As aves que aqui gorjeiam, trinam por lá também. Frases que Lula costuma tirar do bolso do colete ao dar palpite sobre graves assuntos internacionais podem passar despercebidas ao público brasileiro, mas fazem manchetes no exterior. E acabam nos prejudicando a todos.

A acolhida fidalga e despropositada que Luiz Inácio, ao tomar posse, ofereceu ao ditador da Venezuela pregou um susto nas chancelarias estrangeiras. Os conceitos fora de esquadro que ele declamou sobre a guerra na Ucrânia e o conflito na Palestina fizeram murchar

sorrisos em velhos admiradores estrangeiros. O anúncio, feito durante a recente COP de Dubai, do ingresso do Brasil na Opep+ mostrou que a extravagância de Lula é irrefreável, podendo confinar com a incongruência.

Ao final deste primeiro ano de governo Lula 3, numerosos líderes estrangeiros que muito esperavam dele tornaram-se desconfiados e precavidos. O troco começou a chegar. Veja-se a maneira nada sutil com que Emmanuel Macron torpedeou o acordo UE-Mercosul. Vai longe o tempo em que o francês se deixava filmar exclamando “Lula, mon ami!”. A fraterna amizade parece não ter resistido aos percalços do primeiro ano de mando lulista.

Talvez por estar ressabiado, Lula abdicou de se expor em duas recentes ocasiões. Primeiro, ao declinar de saudar o ucraniano Zelenski no aeroporto de Brasília, quando este fez escala técnica a caminho de Buenos Aires para a posse de Milei. Segundo, ao recusar-se a viajar até a ilha caribenha em que os presidentes da Venezuela e da Guiana bambeavam entre guerra e paz. Visto do exterior, Luiz Inácio termina o ano menor do que começou. É pena, mas é constatação inescapável: o Brasil entra em novo período de refluxo, enquanto o mundo lá fora continua a girar. Esse nosso negacionismo oficial é difícil de explicar.

Dez dias atrás, a Assembleia Geral da ONU pôs em votação uma resolução condenando a violação de direitos humanos na Ucrânia invadida. A Europa inteira (até a Hungria!) aprovou.

Nossos vizinhos Uruguai, Chile e Argentina também. O Brasil se absteve, preferindo fazer companhia ao Iraque, ao Vietnã, à Indonésia, à Etiópia e a outros recalitrantes. O Itamaraty não se dá conta de que, quando o sofrimento humano está em jogo, seja onde for, a política-gem tem de se curvar e dar passagem à empatia. É doloroso constatar que um governo que se diz progressista cede a ideologias mortas e enterradas, e passa por cima de valores essenciais do humanismo.

Daqui a uma semana, o triste 8 de janeiro de 2023 completará um ano. Alguns veem nessa data o ato final da ópera, com a morte simbólica dos protagonistas. Antes fosse, mas é bom não facilitar. A hidra extremista tem múltiplas cabeças, cada uma representando um público diferente. Libertários, evangélicos, “anticomunistas”, sebastianistas, ultraegoístas, novos-ricos, racistas — cada um deles está associado a uma das cabeças. Embora se desconhecem entre si, esses grupos contribuem, quicá sem se dar conta, para a perpetuação do extremismo. A existência de tantos ramos dispartes explica a resiliência da direita extrema que, em nosso país, é nutrida por um em cada quatro eleitores.

Portanto, olho! Não é hora de baixar a guarda. Se nossa política externa declina, continuemos vigilantes ao que fermenta dentro de nossas fronteiras, que a hidra, embora sonolenta, continua viva.

Feliz ano novo a todos!